



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LUCIANE GONÇALVES PINHEIRO

**MEU PROCESSO FORMATIVO: NARRATIVAS E REFLEXÕES DE  
UMA FUTURA EDUCADORA.**

BELÉM

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LUCIANE GONÇALVES PINHEIRO

**MEU PROCESSO FORMATIVO: NARRATIVAS E REFLEXÕES DE  
UMA FUTURA EDUCADORA.**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edna Abreu Barreto.

BELÉM

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LUCIANE GONÇALVES PINHEIRO

**MEU PROCESSO FORMATIVO: NARRATIVAS E REFLEXÕES DE  
UMA FUTURA EDUCADORA.**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Edna Abreu Barreto.

Avaliado em:

Conceito: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Abreu | Barreto  
Orientadora

---

Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus Pai, por ser tão bom comigo e me carregar quando o fardo já está pesado; a minha maior incentivadora, minha mãe Lucinete da Gama, que sempre foi exemplo de mulher para mim, a qual concluiu os seus estudos na educação básica e, também, duas graduações, quando os seus filhos já estavam crescidos, e por seu total apoio em cuidar do meu filho para que este trabalho pudesse ser concluído; a meu pai Antônio Farias que, mesmo sendo analfabeto, nunca deixou de valorizar a importância dos estudos em nossas vidas; a meus irmãos Luciene, Luciana e Neto, por serem meu apoio e base de união e força.

Ao meu filho, Rafael, por fazer surgir em mim uma força que nem eu mesma sabia que tinha, e tornar minha vida mais doce; ao meu companheiro de vida, Marcos Freitas, pela paciência, cumplicidade, amor e apoio nessa reta final.

Às amigas conquistadas graças à academia: Josely Ramos, Yasmim Nascimento, Jhanielly Barbosa, Sulyane Palmeira, Nayana Machado e Janete Lima. Obrigada por tornarem o caminho das pedras mais leve e agradável. Amo a vida de cada uma.

À minha orientadora Edna Abreu, por não desistir de mim. Obrigada por fazer a diferença na academia, não só como educadora, mas como exemplo de mulher e por enxergar a maternidade como ela realmente é, e por todo o seu apoio.

Obrigada à Banca Examinadora por sua disponibilidade e contribuições para com este Memorial, e aos meus estimados professores e professoras da graduação, pelo conhecimento dado e por criar em mim uma consciência muito mais crítica e me fazer grande frente ao aprendizado.

A todos do Grupo de Pesquisa Trabalho e Educação – GEPTE, por todo o conhecimento adquirido. Tenho certeza de que cada aprendizado só enriqueceu ainda mais a minha caminhada pela Universidade; e, em especial pelas amigas advindas deste, obrigada Aline Gomes, Sandy Coelho, Verena Moraes e Gean Noronha. E obrigada, também, minha supervisora do Instituto Estadual de Educação do Pará – IEEP, Ana Paula Dias, por ser a melhor supervisora que eu poderia ter no PIBID.

Sem vocês essa caminhada não teria tido a mesma importância. O meu muito obrigada a todos!

*“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”*

**Fernando Pessoa.**

## **RESUMO**

O presente Memorial aborda sobre meu processo formativo, desde a Educação Básica até a Graduação no Curso de Pedagogia, identificando, ao longo deste processo, o momento em que ocorreu a escolha pela profissão docente. Este Memorial constitui-se como uma narrativa reflexiva do meu processo educativo, destacando os momentos que ficaram registrados na memória de maneira positiva ou não. Possuo, como ponto de partida, o processo de construção da leitura e escrita no Ensino Fundamental, seguindo com as considerações acerca do Ensino Médio até a Graduação, ressaltando quais foram as perspectivas advindas junto ao conhecimento teórico sobre a educação e a arte de ensinar. Concluo fazendo breve ressalva sobre o que foi apresentado, e exponho as minhas pretensões para o futuro como docente.

**Palavras-chave:** Memorial. Processo formativo. Educação Básica. Docência.

## **Abstract**

The present Memorial deals with my formative process from basic education to graduation in the pedagogy course, identifying throughout this process the moment occurred to the choice by the teaching profession. This memorial constitutes a reflective narrative of my educational process, highlighting the moments that were recorded in memory in a positive way or not. Taking as a starting point the process of construction of reading and writing in elementary school, following with the considerations about high school through graduation, highlighting the perspectives coming from the theoretical knowledge about education and the art of teaching. I conclude by making a brief reservation on what has been presented, and set out my pretensions for the future as a teacher.

**Keywords:** Memorial. Formative process. Elementary Education. Teaching.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
1. A CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO FUNDAMENTAL.....	13
1.1 As memórias afetivas do processo de aprendizagem da leitura e escrita. ....	14
1.2 A Didática das séries iniciais: as marcas do autoritarismo. ....	17
2. O ENSINO MÉDIO E AS PRÁTICAS QUE INFLUENCIARAM A ESCOLHA PELA DOCÊNCIA. ....	21
2.1 A importância da participação do gestor no cotidiano escolar. ....	22
2.2 As aulas-passeio proporcionadas para o aprendizado da Geografia. ....	23
2.3. Ensino de História: A metodologia e o incentivo a pesquisa. ....	24
3. A FORMAÇÃO ACADÊMICA: UM NOVO OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE. ....	26
3.1. Aluna de Pedagogia: os primeiros contatos com a instrução teórica. ....	27
3.2. Novos conhecimentos e novos olhares: a alfabetização e o letramento em foco e a importância da formação acadêmica dos professores. ....	29
3.3. A experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas De Iniciação à Docência. ....	30
3.3.1. Os estágios na coordenação do Instituto Estadual de Educação do Pará. ....	31
3.4. Teoria e prática: os estágios como forma de compreensão das práticas pedagógica de ontem e hoje. ....	34
3.4.1. Estágio na Educação Infantil: a rotina observada. ....	34
3.4.2. Estágio na Educação Infantil: As intervenções como primeiro contato com o ato de ensinar. ....	36
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS. ....	43

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco o resgate de minhas memórias ao longo do processo de escolarização, onde busco retomar o meu processo formativo de maneira a refletir sobre as diversas etapas pelas quais passei, até a formação inicial. O ponto central estará sobre o período que vai da educação básica até a minha formação acadêmica no Curso de Pedagogia, utilizando como conhecimentos em sala de aula as experiências proporcionadas pelos estágios realizados na graduação.

É instigante quando fazemos uma análise do nosso percurso educacional a partir dos conhecimentos específicos da área da educação, pois nos deparamos com algumas respostas para os questionamentos acerca da nossa escolarização. Tal exercício, rico em aprendizagem, possibilita uma releitura de fatos que até então só eram taxados de “bons” e “ruins”, porém sem a compreensão, à luz da teoria, de sua importância para o entendimento sobre a educação escolar. Com isso, o Memorial de Formação se torna um instrumento de percepção mais aprofundado do percurso de formação.

A memória é algo de extrema importância, no sentido de termos sempre conosco a recordação de momentos marcantes. Um olhar crítico para a história vivida é um exercício que nos permite a reflexão e análise crítica dos caminhos por nós trilhados, o que, de alguma forma, nos ensina. A palavra memorial, segundo Freitas e Souza Jr (2004, p. 03) vem do latim *memoriale*, que “é a escrita de memórias e significa memento ou escrito que relata acontecimentos memoráveis”. Trata-se, como sugerem os autores, de um momento onde ressaltamos as partes essenciais de nosso curso formativo, destacando-se o que se tornou relevante no processo de uma história de vida. Para Severino (2000, p. 245), o memorial constitui

uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. Deve dar conta também de uma avaliação de cada etapa, expressando o que cada momento significou, as contribuições ou perdas que representou.

O autor argumenta que, ao narrarmos, determinados fatos que nos marcaram. Não o fazemos apenas de forma descritiva, mas sim através de uma análise crítica daquilo que estamos narrando, de modo a avaliá-la de maneira significativa.

A autobiografia, segundo Berger (2002, p. 2), “exige do narrador um trabalho com a memória, envolvendo uma rememoração das vivências para fazer uma reflexão

crítica destas”. A retomada das memórias faz com que tenhamos uma visão diferente de fatos do passado, pois passamos a fazer avaliações de forma crítica e reflexiva sobre determinados momentos importantes nesse percurso.

Na escrita do Memorial, não há a possibilidade de indissociabilidade entre a vida social em outros ambientes e as práticas culturais que possuímos, considerando a convivência fora da escola. Sendo assim, o Memorial torna possível, também, reflexões acerca de áreas da vida social, cultural e educativa, dentro do espaço-tempo em que se sucederam os eventos. Sobre a memória como um mapa representativo da realidade, é possível afirmar que

o Memorial pode representar um mapa de expressão da vida escolar, social e cultural de cada sujeito, que possui a sua história, com memórias suas e da sociedade. Esse mapa representativo compreende a realidade social, histórica e cultural, conjuntamente no itinerário vivido que se resgata mediante a memória, que marca os sujeitos (SILVA et al. *apud* TAVIRA, 2012, p. 263).

As marcas daquilo que conosco foi compartilhado nas mais diversas relações sociais e culturais formam o nosso itinerário e nos tornam aquilo que, no processo coletivo, foi construído.

O Memorial traz consigo a oportunidade de entendimento de determinados fenômenos, os quais se cruzam no relacionamento do indivíduo com o meio social, pois

A história particular de cada um de nós se entrelaça numa história mais envolvente da nossa coletividade. É assim que é importante ressaltar as fontes e as marcas das influências sofridas, das trocas realizadas com outras pessoas ou com as situações culturais. É importante também frisar, por outro lado, os próprios posicionamentos, teóricos ou práticos, que foram sendo, assumidos a cada momento. Deste ponto de vista, o Memorial deve expressar a evolução, qualquer que tenha sido ela, que caracterize a história particular do autor (SEVERINO, 2000, p. 245).

É algo de grande importância essa dialogicidade proporcionada pelo Memorial, uma vez que as relações estabelecidas com sujeitos de vários segmentos sociais contribuem para o curso de nosso processo formativo. Trata-se, portanto, de uma narrativa tanto individual quanto coletiva.

Sendo um instrumento que nos auxilia na compreensão do processo formativo, o Memorial também proporciona a aprendizagem através da dinâmica de transitar no espaço-tempo, com visões e conhecimentos diferentes. Segundo Nascimento (2010, p. 03), “o Memorial de Formação é visto como um instrumento que potencializa os processos de aprendizagem e transformações dos sujeitos ao longo de seu percurso formativo”. Passamos a compreender as experiências vividas no cotidiano escolar

enquanto estudantes, assim como aprendemos a olhar esses fatos com a ótica de quem pesquisa educação.

O Memorial de Formação possibilita, ao seu autor, tanto a narrativa de momentos que julga essenciais num determinado período de sua vida escolar, como, também, uma autocrítica formativa de reinterpretação desses fatos à luz de conhecimentos adquiridos no seu curso de formação acadêmica. A prática de dialogar com o passado, tendo como base de reflexão o saber acadêmico, é importante quando, segundo Pimenta (2002), o papel da teoria é oferecer perspectivas de compreensão e análises. A teoria propicia a compreensão de si e de diversos contextos. Através do Memorial é possível não apenas elaborar uma crítica dos fatos narrados, como possibilitar uma autocrítica, nos termos apresentados por Prado e Soligo (2004, p. 6):

O Memorial não é somente uma crítica que forçosamente avalia as ações, ideias, impressões e conhecimentos do sujeito narrador; é também autocrítico da ação daquele que narra, seja como autor do texto ou como sujeito da lembrança. Portanto, têm muito a ver com as condições, situações e contingências que envolveram a ação do narrador, protagonista das memórias. Além de ser crítico e autocrítico, é também um pouco confessional, apresentando paixões, emoções, sentimentos inscritos na memória.

O exercício da autocrítica proporcionado pelo Memorial dá ao seu autor a chance de aprender com a construção de seu próprio processo educativo, junto a todas as situações que o sujeito narrador viveu, através dos registros daquilo que ficou na memória.

Quando pensarmos em Memorial, devemos olhá-lo como uma fonte de saber, reconhecendo que, no nosso dia a dia, o mesmo se faz presente em um espaço de construção de saberes, através de experiências vividas. No processo de formação de futuros educadores, esse método possibilita o aprendizado junto aos fatos ocorridos a quem o escreve, acerca de seu percurso formativo, pois

os Memoriais de Formação demonstram que a experiência na graduação relaciona-se diretamente à trajetória e história de vida de cada um e, por isso, cada Memorial é carregado de singularidades que distinguem a formação de cada um dos educandos (FREITAS e SOUZA JR, p. 03).

Trata-se, portanto, de uma singularidade que auxiliará o educando no seu processo de ensino-aprendizagem entre memórias e o saber adquirido na Graduação, dando ao seu autor um caráter libertador.

O Memorial de Formação apresenta-se como uma rica possibilidade de aprendizado através da análise das práticas pedagógicas que vivenciamos no passado. A

análise das experiências vividas no passado, como estudante da escola básica, é retomada a partir do olhar atual de quem compreende a complexidade do ensinar e do aprender.

Aprendemos com as práticas vividas, considerando o nosso papel como estudante e analisando a educação básica à luz das teorias pedagógicas aprendidas na formação docente. Sendo que a formação, segundo Nóvoa (1995)

não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (1995, p.25)

Essa análise das práticas escolares às quais fomos submetidos na Educação Básica podem nos ajudar, através do olhar do presente, a não repetir modos de educar reprodutores de desigualdade. Sendo assim, a práxis por meio do Memorial é importante, uma vez que “a elaboração teórica é uma forma de visão de mundo, que é refeita e atualizada, por meio da reflexão, fazendo com que nossa compreensão sobre a prática, assim como todo o resto do que percebemos, seja alterada” (MONTEIRO, 2002, p. 119).

Voltar ao meu passado de estudante da Educação Básica, a partir do lugar de quem, hoje, produz pesquisa em educação, tornou-se o principal motivo pelo qual optei pelo Memorial como um caminho metodológico. Busco, desse modo, compreender e analisar o processo de ensino-aprendizagem no qual fui formada.

A produção de um Memorial aflora emoções distintas, e nesse exercício trazemos, também, os sentimentos que estavam esquecidos, os quais nos levam a uma grande nostalgia, que ora nos deixa felizes e eufóricos com a saudade de tempos que não voltam, e ora provocam situações em que são lembrados traumas que, embora esquecidos, não se apagam de nossas memórias.

Sobre a dinâmica de ir e vir no tempo, é possível destacar que esta se efetiva numa relação que “pressupõe sempre dois tempos: o presente, em que se narra, e o passado, em que ocorrem os eventos narrados. A busca do passado, porém, nunca o reencontra de modo inteiriço, porque todo ato de recordar transfigura as coisas vividas.” (AGUIAR *apud* PRADO; SOLIGO, 1998, p. 25). Estabelece-se uma relação entre o presente que se narra e o passado, no qual ocorreram os eventos narrados, onde o passado, neste caso, não é visto como algo estático, pois não permanece totalmente intacto e inteiriço em nossa memória.

Segundo Santos e Zauhy (2014, p. 4094), “o trabalho com narrativas

autobiográficas implica a forte participação do indivíduo que, por sua vez, se compromete com o processo de reflexão, orientado pelo seu interesse, e que o leva a definir e a compreender seu processo de formação”.

Trata-se, portanto, não apenas de relatar sobre o meu passado na escola, mas de utilizar fatos ocorridos de modo reflexivo, objetivando a compreensão de como este processo levou-me à decisão de seguir profissão na área da educação. Esta é uma escrita que caminha para a subjetividade, pois é uma história tanto minha como de todos aqueles que, de alguma forma, estão presentes nela.

Para dar conta de analisar a minha trajetória formativa e buscar compreender como escolhi a docência, este Memorial está assim estruturado:

Na primeira seção, estão presentes as experiências que mais foram significativas ao longo do período que compreende o Ensino Fundamental (1ª à 8ª série). São lembranças ligadas ao meu processo de aquisição da leitura e da escrita com análises que focam em temas que, de alguma forma, marcaram o meu processo de letramento e compreensão das práticas metodológicas autoritárias.

Dentre os temas abordados, estão presentes a importância da afetividade no processo de aprendizado da leitura e como esta postura por parte do docente responsável tornou o meu aprendizado prazeroso; as marcas deixadas pelo autoritarismo em sala de aula; e a didática como possibilidades de ruptura de práticas autoritárias.

A segunda seção compreende o período do Ensino Médio. Alguns fatos relevantes dessa etapa são: a importância da participação do gestor no cotidiano escolar; as aulas-passeio proporcionadas para o aprendizado da Geografia; o ensino de História: não se prender apenas a livros e o incentivo à pesquisa; e como a forma de ensinar os conteúdos de História me fizeram aprender sobre a história e admirar a profissão docente.

Na terceira e última seção, analiso os fatos referentes ao período da minha vida como acadêmica do Curso de Pedagogia na UFPA. Nesse momento destaco o processo da construção de uma nova visão acerca do trabalho docente, graças aos conhecimentos adquiridos na academia; a experiência como bolsista PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência; os estágios como forma de compreensão do contraste das práticas pedagógicas de ontem e hoje; bem como minhas pretensões e visão para o futuro, como Pedagoga. Nas conclusões, retorno e analiso a trajetória percorrida, apontando possibilidades de uma prática docente menos mecânica e mais humana.

## 1. A CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO FUNDAMENTAL.

Neste momento, retomo o meu percurso de escolarização, dando prioridade ao que ficou registrado nas minhas memórias sobre a leitura e a escrita. Meu percurso educativo está marcado por momentos de lembrança e esquecimento, atravessados pela leitura e pela escrita, através da qual eu fui alfabetizada.

O meu ensino na Educação Básica se desenvolveu na cidade onde nasci, Breves, localizada na Ilha do Marajó. A cidade de Breves fica localizada a sudoeste do arquipélago do Marajó e recebeu este nome por causa dos irmãos portugueses Manuel Fernandes Breves e Ângelo Fernandes Breves, através da Lei Estadual nº 1.122, de 10/08/1909<sup>1</sup>, a data legítima de sua fundação é 19 de novembro de 1738. Segundo o Censo de 2010, a cidade possui um total de 92.860 habitantes<sup>2</sup>, em uma área de 9.550,5 km<sup>2</sup>, sendo que 56.940<sup>3</sup> indivíduos dessa população vivem abaixo da linha da pobreza, sob o IDH de 0,630<sup>4</sup>, considerado médio.

Desde a 1ª série até o 3º ano do Ensino Médio, entre 1998 a 2010, estudei em escolas da rede pública de ensino, tanto Municipal quanto Estadual, e isso me possibilitou conhecer, por experiência própria, o ensino que os alunos da rede pública da minha cidade recebiam. De um modo geral, esse ensino acabava sendo precário, principalmente o relacionado à rede municipal, que não disponibilizava de uma estrutura física adequada e de um quadro de profissionais qualificados.

Analisar o meu passado como estudante da Educação Básica é, também, discutir o contexto histórico em que se encontrava o Brasil e o Estado do Pará nesses períodos, uma vez que a educação, ao longo dessa trajetória, sofreu modificações. Do Ensino Fundamental até o Ensino Médio o nosso Estado foi administrado por três governadores, sendo eles: Almir José de Oliveira Gabriel (1995-1999 e 1999-2003), Simão Robison de Oliveira Jatene (2003-2007) e Ana Júlia de Vasconcelos Carepa (2007-2011).

Um fato bastante curioso a respeito desses governadores se deu sob o comando do Governador Almir Gabriel (1995-1998), em que este, ao assumir o comando da SEDUC, apresentou a primeira diretriz básica, que tratava da descentralização e da municipalização do ensino, visando à melhoria da qualidade do ensino ofertado.

---

<sup>1</sup> Saber mais em: [www.biblioteca.ibge.gov.br](http://www.biblioteca.ibge.gov.br).

<sup>2</sup> Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010.

<sup>3</sup> Fonte: SIIS – Sistema de Informação de Indicadores do Estado do Pará Abrangência: Breves.

<sup>4</sup> Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010.

O Programa de Municipalização no Pará se fundamentou no capítulo da Educação da Constituição do Estado do Pará, promulgada em 1989, e no Plano Estadual de Educação – 1995/1999 – no qual assume o caráter de Diretriz Básica para a melhoria do Ensino no Pará (SEDUC, 1995: 34 e 35). Contudo, é com a criação do FUNDEF em 1996 e sua implementação no Estado do Pará, em 1997, que este Programa atinge o seu auge. (SILVA, 2007, p. 07).

Os instrumentos que faziam parte dessa descentralização eram ações que visavam a uma gestão democrática dentro das escolas, como: fiscalização administrativo-financeira, participação da comunidade, eleição de diretor e vice-diretor, formação de conselho escolar e inserção do Projeto Pedagógico.

Em um quadro nacional, a educação passou por transformações em termos de qualificação dos profissionais docentes. Onde antes bastava ter-se o ensino normal completo para exercer a profissão docente, passa a ser requerido o nível superior, segundo a Lei 9394/96, artigo 87, § 4º. Porém,

[...]face ao contingente de professores a formar e à inexistência de agências formadoras em quantidade suficiente, a mesma Lei admite que essa formação ou seu equivalente – treinamento em serviço - mantenha-se em nível médio, no máximo, até dezembro de 2006. Espera-se que, a partir de então, a formação mínima exigida do docente seja exclusivamente a de nível superior, não necessariamente universitário. (EVANGELISTA, MORAES E PACHECO, 2001, p. 188).

Essa admissão de professores sem o Nível Médio me fez lembrar o trabalho desenvolvido em sala de aula pelos profissionais que possuíam qualificação, em contrapartida aos que não tinham. Recordo de minha mãe dizer que duas professoras minhas eram formadas em universidades e duas outras, somente no ensino normal. Hoje, lembrando das atividades desenvolvidas por elas, fica evidente a utilização de uma pedagogia distinta, principalmente no que se referia à didática utilizada.

### **1.1 As memórias afetivas do processo de aprendizagem da leitura e escrita.**

Retomando o meu processo de letramento, recordo que a diferença de formação entre minhas duas professoras tornara-se evidente em suas metodologias de ensino-aprendizagem. Enquanto uma professora utilizava uma pedagogia que proporcionava a autonomia do aluno diante a questão da leitura, a outra, em contrapartida, utilizava a metodologia da repetição dos pequenos textos presentes nas cartilhas escolares. Diante da questão da não qualificação adequada, tanto dos professores em exercício quanto dos futuros docentes, percebo o quão importante é a formação continuada dos professores.

Lembro-me, como se fosse hoje, das atividades desenvolvidas em sala de aula na 2ª série, estando eu com uns 08 anos de idade, pela professora Onete, sendo que as mais utilizadas eram, quase sempre, cobrir letras pontilhadas, fazer colagem de bolinhas de papel ou feijão e pintura de desenhos que acompanhavam o dever. Não que eu as detestasse. Na verdade, adorava somente a parte da pintura, mas não me dava bem com os pontilhados, pelo fato de quase sempre saírem da linha, o que deixava meu dever feio aos olhos dela. Minha alfabetização quase sempre circundava esse tipo de atividade, as quais geralmente me incomodavam pelo fato de serem repetitivas e mecânicas, ao que a prática da leitura seguia os mesmos rumos, com a repetição dos pequenos textos lidos por ela, através das famosas cartilhas. Meu ensino estava estagnado no interesse específico do saber escrever e conseguir ler frases sozinha, mesmo que essas, às vezes, não fizessem sentido para mim. Essas lembranças me fizeram indagar sobre a importância do processo de letramento na prática da alfabetização nessa primeira etapa do ensino escolar.

Quando se discute o ensino da leitura e da escrita, faz-se necessário o entendimento de que alfabetização e letramento são práticas interdependentes e simultâneas, onde estas não podem estar separadas, uma vez que, segundo Soares (2003, p. 14)

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento.

Como analisa a autora, a criança adentra ao mundo da escrita por meio desses processos de maneira conjunta. Porém, ainda segundo Soares (2003), a forma “tradicional” de alfabetizar acaba tornando estes dois processos independentes, onde a alfabetização antecede o letramento, e o saber ler é entendido como a decodificação e a escrita é a codificação. Esta afirmação de Soares (2003) se aplica ao ensino tradicional recebido por mim, uma vez que a escrita precedeu a leitura.

Um ponto bastante importante no meu processo de alfabetização e letramento se deu através do meu próprio interesse pelo aprendizado da leitura, antes mesmo de ser incentivada de algum professor. O fato de sempre depender da boa vontade de um adulto em ler para mim fez com que eu tomasse a iniciativa pela aprendizagem da

leitura. Sobre o interesse partindo diretamente do educando, Dewey (1954, p. 55), diz que: “Se esse todo lhe pertence, ou próprio movimento o põe em contato com esse todo, aquela coisa ou aquela ação passa a interessá-la”. Sendo assim, quando a criança percebe que há uma relação entre o que lhe ensinam e o todo, ou seja, com o seu cotidiano dentro e fora da sala de aula, esta então passa a se interessar por aquilo que lhe ensinam, como foi o meu caso, uma vez que o interesse da criança difere do ambiente escolar, pois

A criança vive em um mundo em que tudo é contato pessoal. Dificilmente penetrará no campo de sua experiência qualquer coisa que não interesse diretamente seu bem estar ou de sua família e amigos. O seu mundo é um mundo de pessoas e de interesses pessoais e não um sistema de fatos ou leis. Tudo é afeição e simpatia, não havendo lugar para a verdade, no sentido de conformidade com o externo (DEWEY, 1954, p. 32).

Para Dewey (1954), a lógica da criança não é a mesma que a escola possui. Em contrapartida ao método de ensino utilizado pela professora Onete, com a presença de uma pedagogia mecânica e que não se preocupava em fazer sentido para a criança, tendo como foco a memorização e repetição das atividades propostas por ela, meu processo de aquisição da leitura se deu de uma forma diferente. Guardo com carinho as lembranças desse percurso graças à Professora Nazaré que, além de uma ótima docente, também era um ser humano maravilhoso quanto às suas práticas pedagógicas em sala de aula, pois ela se tornou a única professora do Ensino Fundamental que utilizava da afetividade em seu trabalho (deixando claro que chamá-la de boa professora ou de afetuosa não significa dizer que ela deixava o aluno fazer de tudo, ou que não chamava a atenção quando era necessário, mas sim que o diálogo era algo bastante utilizado em sala de aula). Sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem, vale ressaltar que

A aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando se sente querida, está segura de si e é tratada como um ser singular (...). Se a tarefa escolar atender aos seus impulsos para a exploração e a descoberta, se o tédio e a monotonia forem banidos da escola, se o professor, além de falar, souber ouvir e se propiciar experiências diversas, a aprendizagem infantil será melhor, mais rápida e mais persistente. Os motivos da criança para aprender são os mesmos motivos que ela tem para viver. Eles não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas do desenvolvimento (RODRIGUES apud BRUST, 1976, p.174).

A análise de Rodrigues (1976) reforça a questão do interesse do aluno em aprender algo em função a partir da forma em que isso é trabalhado em sala de aula, de modo que envolva o todo dessa criança e o modo como o aprendizado é direcionado, em se tratando da questão da afetividade.

Nos dias atuais, percebo o quão prazeroso se tornou o aprendizado da leitura e como, conseqüentemente, o ato de escrever acabou se dando de forma mais fluida, uma vez que eu não via a sua prática como algo sem sentido ou forçado, pois a professora Nazaré sempre reforçava “porque” eu precisava aprender a ler e escrever de forma autônoma. Considerando o conhecimento acerca da importância da afetividade na relação de ensino-aprendizagem, percebo que essa forma de ensinar me proporcionou o apreço que eu desenvolvi ao longo de minha trajetória escolar pela leitura, tendo como ponto de partida tanto o meu interesse pelo saber ler quanto a afetividade no ato de ensinar.

## **1.2 A Didática das séries iniciais: as marcas do autoritarismo.**

Guardo como uma memória afetiva positiva o meu processo de aprendizado da leitura, graças à didática e à postura utilizada pela Professora Nazaré. Porém, como o ato de ensinar é algo que muda de acordo com o professor, também tive experiências pouco significativas referentes à didática e à postura em sala de aula, advindas de outro professor. Na 5ª série, depois de um ano sem problemas no que diz respeito à relação professor-aluno, eis que conheci o lado mais difícil das práticas pedagógicas em sala de aula.

A disciplina era Matemática, e o professor chamava-se Geraldo. Um docente de postura rígida, que prezava pela distância entre aluno e professor, uma vez que compreendia que só assim poderia ter a sua autoridade intocada dentro da sala de aula e, respectivamente, obter o respeito, que só julgava possível por meio do reconhecimento de suas atitudes. Ele mesmo chegou a afirmar que adorava sua alcunha de professor difícil, pois não admitia alunos bagunceiros ou preguiçosos em sua sala de aula, ao que sempre nos recebia com um bom dia, logo seguido do adjetivo “bocós”.<sup>5</sup>

Em suas aulas, eram inadmissíveis “perguntas estúpidas” ou perguntas sobre algo que ele acabara de explicar. Em sua concepção, se o aluno não compreendeu a matéria que estava sendo apresentada, era porque este não estava prestando atenção em sua explicação. Isso fazia com que as suas aulas quase sempre fossem dadas no mais

---

<sup>5</sup> Expressão de conotação negativa e pejorativa usada pelo professor, que significa bobo, tolo, idiota ou ignorante.

completo silêncio por parte dos alunos. Silêncio este que, na maioria dos casos, significava que o conteúdo não estava sendo compreendido. Apesar disso, o melhor era permanecer calados, para não sermos humilhados diante da turma. Eu cansei de ver essa situação em suas aulas. Tal postura, adotada pelo professor, fez com eu que sempre me sentisse coagida e reprimida no momento das aulas, sendo quase obrigada a permanecer quieta, no meu canto, com as minhas diversas dúvidas. Desenvolvi dificuldade e antipatia pela disciplina, pois só conseguia vê-la como um transtorno, devido à postura autoritária adotada por quem a lecionava.

Preciso ressaltar que isso me prejudicou tanto em relação aos conteúdos de matemática, quanto a ser uma aluna participativa em sala de aula, uma vez que sempre me passava pela cabeça que as minhas dúvidas eram desnecessárias, ou que soariam como perguntas “burras”. O mais preocupante é que esse hábito de ser calada e não participativa acabou seguindo para as demais disciplinas, e prosseguiu até o início da minha vida acadêmica, no Ensino Superior. Diante desse episódio não tão feliz de se recordar, vejo o quanto é essencial o discernimento entre algo que é essencial em sala de aula e aquilo que não deveria haver dentro desta: a autoridade e o autoritarismo.

Por meio dos conhecimentos adquiridos na academia, venho aprendendo o quanto importante é a autoridade do professor em sala de aula, porém esta, conforme o meu exemplo junto ao professor de matemática acima, não pode ser confundida com o autoritarismo por parte do docente, o que acaba afetando a vida escolar do aluno, acarretando uma série de problemas e tornando a relação professor-aluno ainda mais fragilizada, uma vez que

tradicionalmente a autoridade vem sendo confundida em nossas instituições escolares com autoritarismo. Assim, ter autoridade tem equivalido a ser autoritário com os aprendizes, não lhes dando direito de se posicionarem em relação a diversas questões que ocorrem no contexto escolar. De acordo com essa visão, o aluno se cala não por crer na autoridade docente, mas por temer as punições e ameaças (implícitas ou explícitas) do professor autoritário. Dessa forma, a relação professor-aluno vai se enfraquecendo diariamente nessa batalha desigual, onde o primeiro tem todas as armas contra o segundo. (NOVAIS, 2004, P. 17).

A autora reafirma a questão de que uma “autoridade” imposta de maneira autoritária e abusiva faz com que haja o distanciamento entre professor e aluno, devido ao medo de futuras punições, por parte do aluno, em relação ao não cumprimento das regras impostas pelo professor autoritário, reafirmando, assim, o seu poder dentro da sala de aula. O professor não necessita reafirmar o seu poder por meio da imposição

abusiva de sua autoridade, onde há apenas o respeito do aluno para com o docente, mas precisa trazer consigo a noção de que o respeito é uma via de mão dupla.

Nessa relação autoritária, o aluno obedece apenas por se sentir coagido, baseado nos princípios da ameaça e da punição, ao que este acaba por ter uma das três posturas a seguir:

A primeira é o cálculo de riscos, onde a criança punida repete o mesmo ato, mas tentando evitar ser descoberta. A segunda reação por parte da criança é uma conformidade cega, pois esta lhe gera segurança e respeitabilidade. Ao agir de modo conformista, a criança deixa de tomar decisões, e passa a obedecer cegamente às ordens impostas por seu mestre. A terceira possibilidade é a revolta, comum em alguns de nossos adolescentes, que se envolvem em comportamentos que vão desde a indisciplina até a delinquência. (KAMII apud NOVAIS 2004, p. 23-24)

Aplicando-se ao meu caso, a situação se encaixa na descrição do autor quanto à segunda postura, uma atitude conformista de obediência cega às suas regras. O processo de aprendizagem da disciplina se tornaria bem mais fluído e menos traumático se tanto a postura autoritária quanto a didática escolhida para trabalhar essa disciplina fossem mudadas.

Uma boa relação no ambiente escolar entre professor e aluno também implica na realização de uma didática que possibilite uma saída para esses conflitos, sendo que a postura autoritária acaba afetando o processo educativo no seu todo. Uma vez que, segundo (FREIRE, 1996, p. 25): “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”. Logo o desenvolvimento das práticas pedagógicas em sala de aula também requer a participação do aluno. A disciplina se faz através da construção do respeito mútuo, onde as regras são cumpridas por ambas as partes, possibilitando, assim, a construção do conhecimento de maneira conjunta, não só por meio dos conteúdos que deverão ser ensinados, mas também em relação à forma em que este é ensinado.

O professor não pode ter a postura de único possuidor de conhecimento e poder dentro da sala de aula, mas sim inserir o aluno na construção desse saber para ambos. Nesse sentido,

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que

encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades (LIBÂNEO, 1994, p. 45).

Sendo assim, o que se pode salientar é que, diante da pedagogia tradicional usada para alfabetizar, sem que haja uma ludicidade e o uso de meios que façam sentido para o aluno, o ato de alfabetizar acaba focando apenas em uma aprendizagem pautada na memorização e repetição, sem a promoção do letramento em conjunto com essa. Quando há a ocorrência de um ensino cuja afetividade se faz presente no ato de ensinar, o ensino-aprendizagem ocorre de maneira mais aprazível para o aluno. Vemos, também, as marcas deixadas por um ensino regido pelo autoritarismo, onde este só poderá ser superado quando o professor possibilita um trabalho em conjunto com o aluno, onde há um estreitamento nas relações cotidianas em sala de aula, fazendo com o que o aprendizado aconteça num ambiente favorável, assim como a presença da ética profissional e da alteridade do docente.

## **2. O ENSINO MÉDIO E AS PRÁTICAS QUE INFLUENCIARAM A ESCOLHA PELA DOCÊNCIA.**

Nesta seção, retorno o meu processo de escolarização, dando destaque aos fatos que estão marcados em minha memória, referentes à etapa de minha vida escolar que compreende o Ensino Médio, especialmente aquela voltada para os momentos que me levam ao encontro da lembrança de profissionais, docentes e de uma gestora, que foram responsáveis pela decisão tomada por mim para a escolha da futura profissão de docente.

Nessa fase do meu processo educativo, se encontra o período de adaptação relativo às mudanças ocasionadas pelo Ensino Médio e por toda a sua pressão acerca da escolha da profissão a seguir e no tocante às provas de vestibulares. O centro das análises estará voltado aos profissionais que possibilitaram uma caminhada educativa através do total empenho em contribuir, de maneira positiva, em suas respectivas áreas de atuação.

Como já foi dito na seção anterior, meu Ensino Médio se desenvolveu na Escola Estadual Maria Elizete Fona Nunes, localizada na cidade de Breves, iniciando no ano de 2008 e tendo o seu término no ano de 2010. Essa é uma das poucas escolas da rede estadual no município que disponibilizava de uma estrutura um pouco mais adequada, em comparação às demais escolas. Seu maior mérito voltava-se para a equipe que compunha todo o quadro de funcionários, os quais prezavam pelo trabalho cooperativo no âmbito escolar em prol do bom funcionamento da vida escolar e do ensino dos alunos.

Em se tratando dos fatos importantes relacionados ao contexto histórico em que se encontrava a educação no Estado do Pará, vale ressaltar as aprovações e definições das metas, objetivos e diretrizes do Plano Estadual de Educação que definiu a política educacional do nosso Estado pelos próximos 10 anos. Tais diretrizes foram construídas na I Conferência Estadual de Educação, a qual aconteceu no ano de 2008. Esse documento apoiava-se na afirmação de que a escola pública tem, como sua função social, emancipar o sujeito, possuindo, como diretrizes gerais

1) Função Social da Escola Pública; 2) Gestão Democrática da Educação; 3) Política Curricular e Organização Didática da Educação Básica; 4) Inclusão e Diversidade; 5) Formação de Professores e Valorização dos Profissionais da Educação. E como diretrizes específicas: 1) Orientações Gerais para o Ensino Fundamental e 2) Orientações Gerais para Ensino Médio Integrado. (PARÁ, 2008 apud GESTRADO, p. 28, 2010).

É um ponto bastante pertinente citar tais diretrizes, pois a questão da Gestão Democrática tornou-se algo presente nas tomadas de decisão dentro da escola em que estudei. Mesmo a gestão democrática sendo algo determinado em lei, essa acaba por não se efetivar no cotidiano escolar, devido até mesmo à postura adotada pelo seu gestor, uma vez que o seu trabalho está voltado apenas às questões burocráticas que permeiam a sua função. Todavia, tive a possibilidade de estudar em uma escola que possuía uma gestão voltada para o trabalho coletivo nas suas tomadas de decisões.

### **2.1 A importância da participação do gestor no cotidiano escolar.**

Tanto o meu Ensino Fundamental (séries finais) quanto o Ensino Médio se desenvolveram na mesma instituição de ensino, a Escola Estadual Maria Elizete Fona Nunes, a qual me proporcionou um grande acervo de conhecimentos e experiências na vida estudantil. Uma das responsáveis por proporcionar um ambiente de ensino de qualidade foi a então Diretora, Catarina Beatriz, pois seu trabalho era pautado em ações coletivas.

Uma formação educacional não se baseia somente no contato com o professor em sala de aula, mas com todos aqueles que trabalham na instituição, desde o porteiro até o seu gestor. Nessa fase do meu processo formativo, convivi com uma gestora totalmente comprometida, não somente com a escola em sua estrutura física, mas também com o bem estar de todos os estudantes, não se prendendo somente às questões administrativas como, também, participando do cotidiano da escola, tendo a mesma a capacidade de proporcionar um ambiente participativo por parte de toda a equipe.

A postura adotada pela diretora criou toda uma atmosfera de trabalho conjunto dentro da escola, por meio de uma atuação mediadora, buscando expor e ouvir ideias e opiniões tanto dela mesma quanto de toda a equipe que compunha o trabalho voltado para a escola, em todos os segmentos.

Quando estudei, na Graduação do Curso de Pedagogia, a disciplina Gestão de Sistemas e Unidades Escolares, pude perceber o quão importante foi para a minha formação estudantil a postura adotada pela então diretora da instituição. Quando estudamos o papel do gestor na escola, compreendemos o conhecimento que este tem de possuir uma visão de equipe e de trabalho conjunto, onde o mesmo irá intervir de maneira a articular e integrar os segmentos da instituição. Com essas práticas, o gestor torna o ambiente escolar algo prazeroso, proporcionado de forma cooperativa, não

focado somente na parte administrativa e burocrática que permeia o trabalho deste, sendo que

Quem ocupa cargo de liderança como diretor ou coordenador pedagógico precisa despor-se do posicionamento de predominante autocrático para possibilitar o desenvolvimento de um clima em que todos contribuam com ideias, críticas, encaminhamentos, pois a gestão e participação pedagógica pressupõem uma educação democrática. (LIBÂNEO, 1996, p.200).

O autor nos remete à importância de o gestor ter um posicionamento que busque a cooperação de todos em prol da qualidade do aprendizado do aluno e do bem-estar do funcionamento da escola, tendo como foco um ambiente propício a uma real educação democrática. Foram incontáveis as vezes em que a vi a diretora da minha antiga escola de Ensino Médio circular pelos corredores da escola, a fim de saber dos próprios alunos como estes estavam indo nossos estudos, se havia problemas que ela poderia resolver e, também, demonstrando um interesse na participação ativa dos pais na vida escolar dos alunos.

É algo inegável, a meu ver, que o fato de estudar em uma instituição gerida por uma profissional que prezava o trabalho participativo me possibilitou uma qualidade maior de ensino, uma vez que esta não desempenhava apenas o papel de administrar as questões burocráticas da escola, mas possuía a consciência de que também fazia parte do processo educativo de cada um dos alunos.

## **2.2 As aulas-passeio proporcionadas para o aprendizado da Geografia.**

Outra profissional que me remete a um pensamento nostálgico e de boas referências na minha caminhada como estudante do Ensino Médio se chamava Ivete e lecionava a disciplina Geografia. Admito que não fosse muito boa quando se tratava dessa matéria, mas aprendi a respeitar e a aprender mais com os professores que adotavam uma metodologia que instiga a saber mais e que levavam o aluno a campo para ensinar. Esse era o caso da Professora Ivete.

Um das suas metodologias pelas quais eu mais tenho apreço e que guardo na memória são as chamadas aulas-passeio, em especial uma em que ela nos levou para o seu sítio, na estrada de acesso da cidade de Breves. Durante todo o percurso a caminho do sítio, de forma descontraída, ela nos fazia lembrar temas abordados em suas aulas, os quais acabavam por se fixar em nossas memórias sem nos que nos déssemos conta. Falava ela do ecossistema brasileiro e dos reinos da hidrografia enquanto passeávamos

de canoa, mas sempre tendo uma intencionalidade por trás do que nos apresentava e, ainda, tornando o aprendizado de seus conteúdos algo mais prazeroso e interessante.

Quando estudei, já na universidade, a disciplina Abordagens Teórico- Metodológicas do Ensino de Geografia, apreendi o quão eficiente é o trabalho de campo, mais especificamente as aulas-passeio para o processo do ensino e aprendizagem dessa disciplina, quando a mesma possui uma intencionalidade do motivo de a estarem utilizando, a fim de não se tornar um fazer pelo fazer, mas sim

[...] um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos. Neste sentido, o trabalho de campo não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas parte desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos. (CALLAI, 2006, p. 57).

Nada mais é que dar sentido a tudo o que estudam; é tornar a práxis algo mais presente no desenvolvimento do processo educativo do discente. Esse pensamento é fidedigno, pois o conteúdo se fixa e o aprendizado se dá de uma forma aprazível, se relacionando diretamente com a realidade apresentada.

### **2.3. Ensino de História: A metodologia e o incentivo a pesquisa.**

Quando se trata de trazer à memória uma profissional que também me possibilitou conhecimentos de maneira aprazível, com domínio de conteúdo e didática, é quase instantâneo que sua imagem venha a minha mente. Era uma professora baixinha, que possuía uma voz calma e firme nas suas palavras, e que quando chegava com a sua caixinha amplificadora, nos fazia viajar e querer saber mais sobre o assunto que ela lecionava: História.

Seu nome era Rosilete, e acredito ser importante falar sobre a admiração que tenho por ela, já que foi durante as suas aulas que cresceu, dentro de mim, o desejo e o interesse pela área da educação, mais precisamente pela docência. Mas, antes de chegar a isso, devo confessar que, até então, eu estava como muitos jovens pré-vestibulandos, ou seja, tinha muitas dúvidas a respeito da área que eu iria escolher seguir como profissão.

Em suas aulas eu via algo que mais tarde, na academia, eu perceberia como intencionalidade, metodologia e incentivo à pesquisa, e confesso que me alegrou saber

que a minha educação também conteve o viés de uma pedagogia mais mediadora e pautada na motivação do aluno, criando, assim, no mesmo, um real interesse pelo aprendizado, aumentando-o. Segundo Fita (1999, p. 77), “a motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo”. Pode parecer bobagem, mas eu achava algo extraordinário a forma como ela conduzia a sua aula, extraordinária a sua dicção e segurança ao falar sobre o assunto, pois nos dois anos em que estudei com ela eu nunca a vi se prender a slides ou coisas do tipo.

É importante frisar esse viés motivador que a Professora Rosilete possuía, pois ela ia na contramão quanto aos resultados, uma vez que, de alunos motivados, ela conseguia obter resultados surpreendentes em suas aulas, tornando-as uma fonte de rendimento muito bom quanto ao ensino-aprendizagem, pois as suas atitudes para com os alunos sempre caminhavam para o diálogo, algo até um pouco difícil quando se trata de adolescentes. Devo admitir que cheguei a duvidar dos conhecimentos teóricos da Professora Rosilete, e para tanto procurava pesquisar em livros e meios eletrônicos o assunto da aula seguinte, para conferir se ela iria deixar algo passar, o que geralmente não ocorria. Isso me fazia querer saber mais e mais sobre o assunto, além de me tornar mais participativa em suas aulas.

Graças ao seu modo de educar e de conduzir as suas aulas e da forma como se relacionava com os alunos em sala de aula, vi que queria ser educadora, mas com o diferencial que a minha professora lá do Ensino Médio possuía. Assim, eu comecei a minha busca por uma vaga na Universidade que eu almejava. A maior do Norte do Brasil: a Universidade Federal do Pará.

Ao retomar as minhas memórias do Ensino Médio, observo como as práticas pedagógicas mais dinâmicas e democráticas são capazes de influenciar positivamente o aprendizado e as escolhas futuras. No meu caso, a lembrança da Professora Ivete fez-me ter a consciência da importância de uma aprendizagem para além da sala de aula, através das aulas-passeio, enquanto a memória da professora Rosilete me fez perceber que o professor-motivador tornar o aluno muito mais engajado no seu próprio processo de ensino-aprendizagem, tornando-o não só um espectador nas aulas, mas, também, um sujeito mais participativo e com um real interesse em aprender.

### **3. A FORMAÇÃO ACADÊMICA: UM NOVO OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE.**

Nesta seção, analiso o período que compete à minha trajetória como graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará. Apresento os conhecimentos adquiridos que possibilitaram uma melhor compreensão sobre as práticas pedagógicas e como a formação acadêmica me fez abranger a educação por outro ângulo, mediante o conhecimento teórico obtido, através da realização de uma conexão com o aprendizado da Graduação e o que presenciei enquanto aluna da Educação Básica.

Meu ingresso na Universidade Federal do Pará se deu no ano de 2014. Depois de quatro tentativas frustradas, eu finalmente consegui a minha tão sonhada vaga na Maior do Norte. No primeiro momento em que me vi dentro da Universidade pude observar de perto a sua grandiosidade, não só pelo mérito de seu status, mas por sua dimensão estrutural. Logo eu, aluna de escolas públicas que dispunham de uma estrutura no máximo mediana, me via literalmente perdida com tanta informação espacial. Lembrome bem da primeira sensação que tive ao longo do primeiro semestre na academia. Eu me sentia mínima, pequena mesmo, diminuída. Em relação a todos ao meu redor, eu guardava uma sensação de distanciamento, como se eles soubessem mais do que eu, principalmente os professores. A cada fim de semestre, contudo, esse sentimento foi diminuindo. Na medida em que eu aprendia, sentia que poderia me impor mais, que todos tinham valor, e que eu poderia ser tão grande e detentora de conhecimento quanto os meus professores.

As minhas expectativas eram grandes, assim como a insegurança em saber que trilhar esse caminho não seria uma tarefa fácil. Logo no primeiro semestre, aprendi a admirar ainda mais a Pedagogia como uma ciência, e que estudá-la não se tratava somente da área da docência, mas que esta,

mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnico-profissionais, investiga a realidade educacional em transformação, para explicitar objetivos e processos de intervenção metodológica e organizativa referentes à transmissão/assimilação de saberes e modos de ação. Ela visa o entendimento, global e intencionalmente dirigido, dos problemas educativos e, para isso, recorre aos aportes teóricos providos pelas demais ciências da educação. (LIBÂNEO, 2001, P. 10).

Tendo o educar como foco, além da prática educativa, e fazendo, também, parte da atividade humana e de seu convívio social, a Pedagogia é uma ciência que aborda as questões do âmbito social, de maneira a ter a realidade educacional como fator importante para a compreensão do ato de ensinar. Em se tratando do fator “o que ensinar?”, logo no primeiro semestre pudemos estudar aquilo que é parecido com o coração de uma Instituição de Ensino, os conhecimentos que são selecionados e construídos a partir deste: o currículo, tendo a Universidade Federal do Pará, em seu eixo estruturante acerca do currículo que permeia a formação de seus graduandos, os seguintes objetivos:

**Art. 4º** A estrutura curricular do Curso de Licenciatura Pedagogia é compreendida enquanto totalidade e se organiza na perspectiva de Integração Vertical e Horizontal do processo de formação docente.

§ 1º A Integração Vertical se expressa em todas as atividades curriculares, articuladas em torno do eixo estruturador do Curso: docência, gestão educacional e coordenação do trabalho pedagógico. [...].

§ 3º A Integração Horizontal se expressa pelo conjunto de componentes curriculares que viabilizam a ação interdisciplinar organizada em torno de eixos temáticos que pode fazer convergir problematizações e formas de trabalho coletivo entre professores, e entre professores e estudantes (CONSEP, 2011, p.3).

Com isso, o currículo do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará busca a formação de profissionais da área da educação, de maneira que estes viabilizem trabalhar por meio da práxis e também por meio do papel social que a educação deve exercer.

### **3.1. Aluna de Pedagogia: os primeiros contatos com a instrução teórica.**

Minha entrada nos debates teóricos da área de educação foi potencializada desde o início da Graduação. As disciplinas iniciais me possibilitaram uma compreensão ampliada sobre o currículo e seu caráter interessado, o qual produz os sujeitos a partir do que seleciona como válido para ensinar. Como sugerem Moreira e Silva (2001, p.8), o currículo

Não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relação de poder, o currículo transmite visões sociais, particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.

Sendo assim, o currículo não é um objeto neutro, mas sim possuidor de ideologias que acabam por produzir identidades tanto sociais quanto individuais. O currículo é permeado de conceitos como: ideologia, poder e cultura, tornando-se os mesmos inseparáveis na construção do currículo escolar, uma vez que este tem ação direta na formação e desenvolvimento do aluno.

De outro modo, os conhecimentos iniciais da Didática me possibilitaram uma compreensão sobre o ensinar, mediatizados por uma prática transformadora. Assim como afirma Freire (1993), o ato de ensinar não pode dar-se apenas como transmissão de conhecimentos de professor-aluno, mas de modo que, por meio dessa transmissão, haja a possibilidade de uma leitura crítica de mundo, texto e contexto.

Um dos fatos mais importantes, em termos de aquisição de conhecimento através da Universidade, foi o conhecimento sobre a alfabetização e o letramento, além de ter a possibilidade de aprender e refletir sobre temáticas tão primordiais. Em suma, compreender quais são os fatores contribuintes para a sua aquisição, seu processo e o papel social da escrita e da leitura, com o letramento e a contextualização no ato de ensiná-los, uma vez que

O modelo tradicional tem sido duramente criticado desde os anos 60, quando os países desenvolvidos detectaram a condição do analfabetismo funcional em parcelas significativas das suas respectivas populações: aquela pessoa que passa pela escola durante anos, tem contato com o código escrito, mas, depois que sai, não se utiliza da leitura e da escrita como instrumento de inserção social e desenvolvimento da cidadania. (LEITE, 2001, pág. 2).

Compreender que alfabetizar e letrar uma criança vai além da repetição e uso de palavras que não condizem com a realidade do educando foi um divisor de águas para a minha formação, pois bem me recordo de buscar um sentido nas frases que a minha professora da Educação Básica pedia para que eu lesse em sua cartilha. Ou seja, alfabetizar é ir além do bê-á-bá.

No decorrer do Curso, fui percebendo o quão eram limitados os meus conhecimentos sobre a educação, e o quanto essa área é rica nos mais diversos saberes. Se antes a forma de ensinar e como se dá a aprendizagem eram questões que não me pareciam deveras difíceis, aprendi quão errônea era a minha opinião, pois ensinar é uma prática que requer pessoas com qualificação para tal, e não apenas meros reprodutores de uma pedagogia tradicional e mecanizada, uma vez que bem sei as marcas que esta deixa na educação de nossos alunos.

### **3.2. Novos conhecimentos e novos olhares: a alfabetização e o letramento em foco e a importância da formação acadêmica dos professores.**

Um dos momentos mais aguardados por mim durante o processo de formação acadêmica foram as disciplinas que abordariam, de forma mais aprofundada, temas norteadores da Educação Infantil, como a alfabetização e o letramento.

O meu processo de alfabetização e letramento foi algo bastante marcante na minha trajetória de aprendizagem durante a Educação Básica. Por isso foi muito esclarecedor quando pude me sentir em determinadas situações, ou quando me via nos exemplos dados em sala de aula em certas disciplinas. Como quando foi abordada a situação da alfabetização e do letramento, onde a minha alfabetização na Escola Básica se deu de maneira dissociada ao letramento. Compreendi que eu poderia até ler e escrever certas palavras, contudo, estas nem sempre faziam total sentido para mim.

Aprendemos que alfabetização não é somente quando há a aquisição do código, e que devemos “alfabetizar letrando”, uma vez que cada uma desempenha um papel importante. Dessa maneira, “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.” (TFOUNI, 1995 *apud* MORAES, 2005, p.4). Sendo assim, essas práticas, quando trabalhadas em conjunto, enriquecem o desenvolvimento do aluno, proporcionando não somente a aquisição do código como também desempenhando a sua função social, e isso vai contra a <sup>6</sup>educação bancária, fazendo com que o discente seja um agente atuante e transformador da sociedade.

Quando volto as minhas memórias para a Educação Básica que tive, vejo o impacto que isso causa no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, ou melhor, como a formação docente é primordial para as práticas de ensino de cunho mediadoras, tendo em vista que a educação é

Mais do que instruir, eles devem educar, entendendo educação como a preparação para o exercício consciente da cidadania que se faz atuando politicamente na transformação social. O problema é que grande parte dos professores tem como principal orientação o domínio do conteúdo e das técnicas, restringindo sua função ao cumprimento do programa de ensino (BONA 2008, p. 7).

---

<sup>6</sup> Aqui se aplica a concepção dada por Paulo Freire (1970) em *Pedagogia do Oprimido*, acerca de uma educação “bancária” como sendo aquela em que o discente é apenas mero receptor de conhecimentos, guardando-os e arquivando o que aprende, sem a necessidade da práxis.

O autor destaca profissionais que vão além do modo tradicional de ensino. Aqueles que buscam uma formação/construção de consciência social do aluno, sendo posturas como estas as que irão impactar de maneira positiva na construção do conhecimento em sala de aula.

Esse tipo de exercício, de estudar e recordar momentos da nossa formação é muito importante para aqueles que estão construindo um referencial a seguir quando tornados profissionais da área.

### **3.3. A experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas De Iniciação à Docência.**

Em abril de 2015, tiveram início as minhas atividades como bolsista de iniciação à docência, bolsa esta conseguida por meio de uma seleção com direito à entrevista dos candidatos. Tratou-se de mais uma conquista dentro das novas aquisições de saberes possibilitadas pela UFPA.

A minha vida acadêmica não se deu somente no cotidiano dentro do Campus Universitário. Seguindo os conselhos imbuídos numa frase dita por uma professora durante a sua aula, eu quis viver mais daquilo que a Universidade poderia me oferecer, para alguém da sala de aula. Foi então que dispuseram de vagas para bolsistas de iniciação à docência em um grupo de pesquisas chamado <sup>7</sup>Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Trabalho e Educação – GEPTTE, o qual iria abrir um leque de novos conhecimentos e experiências nesta jornada que é a academia.

O Programa para o qual eu fui selecionada se chamava Programa Institucional de Bolsas De Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), criado em 2010, a partir do Decreto n. 6.755/2009, o qual viabilizou a consolidação da formação docente de alunos de cursos de licenciatura, por meio da introdução desses em escolas da Educação Básica e sob a supervisão de professores do Ensino Superior, com o intuito da melhoria na qualidade da formação inicial desses futuros docentes.

Os projetos de pesquisa, segundo Pimenta e Lima (2004 *apud* Perini, 2006, p. 39.), “(...) podem gerar produção de conhecimento sobre o real, responder às demandas da escola e, assim, elaborar propostas de intervenção entre escola e universidade, viabilizando relacionar teoria e prática e o conhecimento da realidade escolar”, no

---

<sup>7</sup> O Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Trabalho e Educação - GEPTTE, do Instituto de Ciências da Educação da UFPA, iniciou as suas atividades no ano de 2001 e tem se ocupado de pesquisas e discussões relativas à área de trabalho e educação, tendo sido mais presente, no Grupo, o desenvolvimento de ações de pesquisa focadas no Ensino Médio, na educação profissional, nas políticas educacionais brasileiras de formação de trabalhadores, juventudes e sobre saberes de trabalhadores, além de outros temas da área de trabalho e educação, que também são tratados.

sentido de proporcionar a atuação destes no cotidiano escolar, tornando possíveis as experiências vividas em engajamento para a superação de algumas problemáticas por eles identificadas no percurso educativo. O programa tinha uma carga horária semanal de 20 horas, distribuídas entre as formações na UFPA e o estágio *in loco*.

### *3.3.1. Os estágios na coordenação do Instituto Estadual de Educação do Pará.*

As atividades de estágio, vinculadas à experiência do PIBID, tiveram início em abril de 2015, como informado anteriormente, e apesar de o Programa focar a sala de aula, os meus estágios aconteceram no âmbito da coordenação pedagógica do Instituto Estadual de Educação do Pará, o IEEP, uma vez que o grupo de pesquisa que desenvolvia o Programa somente fazia pesquisa em escolas com o ensino integrado em foco, ou seja, com o Ensino Médio e com o Ensino Técnico. Mesmo assim, nos foi possibilitada a inserção no cotidiano escolar – não na sala de aula, mas em um âmbito escolar tão importante quanto. Tivemos a oportunidade de vivenciar, de perto, experiências metodológicas, e por consequência a identificação de situações-problema presentes nessa e em outras Instituições da esfera pública. Como consequência, buscamos uma superação para tais problemas identificados.

Fazer parte do Programa me possibilitou ver mais de perto uma modalidade de ensino que, até então, estava bem distante do meu entendimento: o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Mesmo o Programa não sendo voltado para a iniciação científica, desenvolvemos pesquisas acerca do PROEJA no âmbito do IEEP.

Desenvolvemos planos de trabalhos focados em alguma problemática que estivesse em evidência, e foi justamente a evasão na modalidade PROEJA que chamou a minha atenção, sendo cada vez mais frequente o número de alunos que abandonavam as salas de aula, tornando-se essa uma problemática crescente no Instituto. Desenvolver esse estágio com uma observação ativa me levou a entender como as coordenações trabalhavam em conjunto, a fim de tentar diminuir o número de evasão e conhecer mais sobre o perfil do aluno evadido.

Participar de projetos de pesquisa é extremamente enriquecedor para a formação acadêmica, pois embora o currículo do Curso de Pedagogia aborde diversas áreas da educação, o ensino integrado e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), infelizmente, não fazem parte da obrigatoriedade do currículo. Estamos mais aptos a desenvolver o trabalho docente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental que nas demais citadas. Deve-se saber que o PROEJA viabiliza

(...) a formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa. A perspectiva deve ser, portanto, de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado e para ele. (BRASIL, 2000 b).

O referido Programa possibilita a formação profissional técnica a jovens e adultos que não concluíram a Educação Básica por quaisquer motivos, em conjunto com uma qualificação profissional realizada por meio do ensino técnico. Eu pude ver nos olhos dos alunos dessa modalidade um vislumbre de oportunidade no mercado de trabalho, mesmo diante de cada dificuldade e de cada particularidade. Pude concluir que, mesmo diante de um trabalho da equipe de coordenação que tentasse amenizar o quadro de evasão, não se chegava a um resultado significativo, ocorrendo somente a entrada de outros alunos e não a volta daqueles que abandonaram os estudos.

Fazendo uma ponte com o passado, mais especificamente com o meu Ensino Médio, recorro com clareza da existência de uma real aproximação da coordenação pedagógica com os alunos, criando, assim, uma atmosfera de confiança mútua. O aluno se sentia seguro em procurar o coordenador, quando acreditava que este o poderia ajudar, por exemplo, com a didática de um professor. Segundo Libâneo (2008), “o papel do coordenador pedagógico é de monitoração sistemática da prática pedagógica dos professores, sobretudo mediante procedimentos de reflexão e investigação” (p.219). Pois, quando este desenvolve a função que lhe compete, acaba desenvolvendo uma postura mediadora e proporcionando um aprimoramento do trabalho desenvolvido em sala de aula. No IEEP, essa aproximação, esse sentimento de segurança do alunado para com o coordenador pedagógico não foi identificado, uma vez que o profissional acabava por canalizar o seu foco nas questões burocráticas da Instituição. Tal experiência serviu de base para a primeira escrita de um artigo científico.

Vivenciar de perto o cotidiano escolar e seu âmbito de coordenação pedagógica nos deu um norte sobre o que escrever, no sentido da formulação do nosso primeiro artigo acadêmico como bolsistas, e foram exatamente as experiências vivenciadas no IEEP que pusemos no papel.

Elaboramos o artigo denominado: “O ENSINO MÉDIO INTEGRADO: A EXPERIÊNCIA DO PROEJA NO ÂMBITO DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO PARÁ (IEEP)”, o qual tinha como objetivo a compreensão da

articulação entre o Ensino Básico e o Ensino Profissionalizante desenvolvido no IEEP, a partir da implantação do Ensino Médio Integrado, na forma do PROEJA. A pesquisa se deu por meio de pesquisa participante, com base na vivência como integrantes do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), no âmbito da escola, fundamentando-se em referenciais bibliográficos e documentais voltados ao Ensino Médio Integrado, na forma do PROEJA, e em autores como Ramos (2009), Saviani (2007) e Araújo (2009, 2011). Obteve-se, como resultado, a compreensão da importância da modalidade PROEJA, uma vez que este oportuniza as pessoas que, por diversos motivos, não concluíram a sua escolarização, agregando, em sua formação, o Ensino Profissionalizante.

Com a escrita desse artigo, elaborado em conjunto com outra aluna e supervisionado/coescrito por uma doutoranda do grupo, saiu o primeiro objeto de orgulho da Graduação, em forma de escrita. Mergulhamos de cabeça na compreensão e nos informamos mais sobre a origem do PROEJA, além de expormos as nossas experiências vivenciadas no âmbito do IEEP, quais os aprendizados e quais as nossas contribuições na instituição.

Com a conclusão do artigo, vieram as apresentações deste em eventos dentro e fora do Estado, e devo confessar que viver esse lado da Graduação nos proporciona uma bagagem de conhecimentos abrangentes e transforma o processo de formação acadêmica mais omnilateral, tendo em vista que

A formação omnilateral parte da plena expansão do indivíduo humano, inserindo-se dentro do projeto de desenvolvimento social que possibilite uma equidade maior, não limitando-se ao mercado de trabalho. Assim, alcançaremos as potencialidades libertadoras do ser humano e superaremos a alienação que sofre o homem (SAVIANI, 2003 *apud* Duarte; Oliveira; Koga, p. 13, 2016).

Isso nos possibilita, ainda, uma educação emancipadora, que também se preocupa com o seu entorno, com o outro. Além dessa conscientização, a produção deste artigo possibilitou algumas participações em eventos, e isso era algo ao qual eu ansiava para o meu currículo acadêmico, e até mesmo para uma nova experiência de vida, como o fato de sair do meu Estado natal e visitar outro, além do fato de assistir a palestras de grandes escritores, doutores e figuras intelectuais importantes da área.

### **3.4. Teoria e prática: os estágios como forma de compreensão das práticas pedagógicas de ontem e hoje.**

Ao longo do que foi percorrido sobre o meu processo educativo, até então eu não havia, de fato, mantido um contato direto com a sala de aula, como muitos dos alunos da graduação de licenciatura. O estágio passa a ser, então, a primeira forma de aproximação com o trabalho docente, possibilitando a utilização, enquanto prática na sala de aula, do conhecimento teórico adquirido nas aulas do curso, na medida do possível. Essa é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, n. 9.394/96, para os cursos de licenciatura.

Durante o período *in loco* do estudo, num primeiro momento, devemos assumir uma postura de professor-investigador, através de uma observação participativa, para no seguinte semestre inserirmos uma aula interventiva, indo da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Irei falar, em dois subtópicos, sobre alguns momentos que marcaram a experiência do estágio supervisionado nos níveis de ensino citados anteriormente. Farei, sempre que possível, um comparativo com o meu processo educativo da Educação Básica dos respectivos níveis, utilizando o arcabouço teórico adquirido na Graduação.

#### *3.4.1. Estágio na Educação Infantil: a rotina observada.*

No dia 12 de agosto de 2016 teve início o estágio de Educação Infantil I, onde tivemos o livre arbítrio, proporcionado pela professora, da disciplina que escolhêssemos, em qual instituição de ensino iríamos desenvolver o estágio, além da opção de escolha de um parceiro. Eu, juntamente com a minha parceira, optamos por realizar os estágios em uma escola localizada no Bairro do Guamá, região periférica da cidade de Belém. A mesma tinha, como etapas de ensino: Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos, Supletivo e Ensino Fundamental (anos iniciais).

Durante o período em que se deu a realização do estágio, em uma turma de Jardim I matutina, foi possível averiguar, na prática, a forma como o docente atua em sala de aula, ao ensinar, chamar a atenção, elogiar, como intervêm junto ao aluno que não está atendendo às expectativas, etc. Pudemos observar o comportamento de cada aluno, o seu desenvolvimento no aprendizado e nas relações entre alunos-professor e aluno-aluno e, também, intervir por meio de aulas e auxílios prestados a cada aluno em suas tarefas. A professora se mostrou receptiva, nos apresentando aos alunos e dizendo-lhes o motivo de nossa presença. Logo ao entrar na sala, pude observar a divisão da

mesma em “cantinhos”, como o da leitura, de brincadeiras e de pintar, além de diversas coisas que chamam a atenção das crianças, como um varal com as atividades desenvolvidas pelos alunos, pendurado na parede.

A forma como a sala está organizada contribui para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, pois como afirma Lima (2001. P.16), “o espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas, das aprendizagens que ela realizará em seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e/ou acessíveis a ela”. Um cantinho da leitura dentro da sala, por exemplo, cria uma proximidade entre o aluno e os livros, que estão bem mais acessíveis e ao seu alcance, possibilitando, assim, um interesse deste pelas histórias contidas nos livros.

É interessante observar tal prática, pois na Graduação aprendemos a importância disso, uma vez que a criança aprende também com o seu entorno, por isso é muito bom criar um espaço educativo para que o processo de ensino-aprendizagem deles ocorra com maior ludicidade. Ao voltar para o meu passado, lembro muito bem das minhas salas de aula, tanto da Educação Infantil quanto do Ensino Fundamental, as quais não tinham mais que um alfabeto por extenso localizado acima do quadro. Isso era quase um padrão, o que de fato muda a atmosfera da sala de aula, uma vez que era algo que me incomodava quando criança e tornava o ambiente um tanto quanto sério.

Voltando ao estágio, algo bastante claro para todos os alunos da sala de aula acima referida eram as regras. Quando estas eram quebradas, normalmente a professora conversava com as crianças sobre a falta de cuidado com brinquedos e materiais da sala, por exemplo. Em alguns momentos, pude perceber uma leitura realizada pela professora junto à turma, o que ela fazia instigando-os e mostrando as figuras do livro. Isso reforça a característica do professor como agente ativo que estimula o interesse do aluno pela leitura, como afirma Silva:

[...] para que ocorra um bom ensino da leitura é necessário que o professor seja ele mesmo um bom leitor. No âmbito das escolas, de nada vale o velho ditado “faça como eu digo (ou ordeno!), não faça como eu faço (porque eu mesmo não sei fazer)” isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura (2003, p. 109).

O autor reforça uma importante questão, a do professor-leitor, que instiga e faz com que o interesse do aluno pelo que se lê em sala de aula se torne uma prática prazerosa, tornando o exercício da leitura algo agradável para o discente, e não algo que ele faça apenas por obrigação.

Contudo, nem todos os momentos da observação foram positivos, já que as crianças faziam certas tarefas que não condizem com o nível de ensino-aprendizagem do Jardim, como, por exemplo, a questão de, mecanicamente, serem obrigados a fazerem o cabeçalho, contendo o nome da escola, o nome do aluno, o dia, o mês e o ano. Isso era algo muito cansativo para as crianças, que sempre reclamavam dessa tarefa, fazendo com que as mesmas sofressem a pressão de ter que executá-la, e a denominação de “preguiçosos” aos que não a faziam. Tal prática reafirma a questão de o sistema de representação alfabética ser somente um sistema de codificação, quando, na verdade, o mesmo se inicia desde os rabiscos que a criança produz, já que, segundo FERREIRO (1989), quando uma criança escreve da forma como acha que deveria ser o certo, ela está mostrando um material que deve ser interpretado e avaliado. É por meio desse material que será dado o indício da maneira pela qual a criança está pensando e construindo a “sua escrita”. O que normalmente se chama de rabiscos e garatujas é, na verdade, a expressão inicial da escrita da criança. Portanto, deve ser interpretada como um aporte teórico que explique o seu significado real.

Diante de tudo o que foi observado no período que compete ao nosso olhar para a sala de aula, no estágio de observação, ficou evidente que ainda falta termos uma prática menos mecânica do ensino. Não cabe a nós dizer o certo e o errado, mas compreender como não reproduzimos uma forma de ensino tradicional, embora esta ainda seja bastante reproduzida, em meio a uma geração de crianças que vive em uma época em que lhes é possível proporcionar uma aprendizagem de maneira a torná-las cada vez mais autônomas, através de um ensino que também as instigue.

#### *3.4.2. Estágio na Educação Infantil: As intervenções como primeiro contato com o ato de ensinar.*

O estágio de Educação Infantil II teve o seu início no dia 21 de setembro de 2016, com a professora dando continuidade nas atividades voltadas para o projeto do “Sítio do Pica-pau Amarelo”, de Monteiro Lobato, focando na ludicidade, ao trabalhar com massinha de modelar, a criação dos personagens favoritos de cada criança e, também, trabalhando a questão dos números, um assunto já executado por ela ao longo do ano. Quanto a essas atividades, não percebi tanta dificuldade por parte das crianças em desenvolvê-las, pois, ao final, não só aprenderam como também se divertiram. Acreditamos ser muito importante a presença da ludicidade na execução de todas as atividades propostas em sala de aula, pois o lúdico é essencial principalmente para crianças da Educação Infantil, uma vez que essas percebem o mundo pela ótica do

aprender brincando também. Voltando ao meu passado, percebo que foram poucos os momentos de ludicidade em meu processo formativo, na mesma etapa da Educação Básica, pois geralmente eram trabalhadas, em sala de aula, atividade com as cartilhas, sendo o brincar algo exclusivo para o horário do recreio.

A minha primeira intervenção como docente estagiária ocorreu para um total de 10 alunos presentes em sala, sendo que eu estava nervosa com esse primeiro contato, ou seja, com o ato de ensinar. Trabalhamos com o personagem Visconde, contando-lhes a sua história e os medos que este tinha. Em seguida, distribuimos folhas em branco, onde as crianças iriam desenhar o que lhes dava medo ou, se preferissem, desenhar os medos do Visconde. Obtivemos diversos resultados, onde os que diziam não sentir medo focaram em desenhar os medos do personagem e os outros demonstraram medos que iam de animais a gigantes. Derdyk (1989) salienta que o desenho, enquanto forma de pensamento, proporciona oportunidade de que o mundo interior se confronte com o exterior, a observação do real se depare com a imaginação e o desejo de significar.

Ao longo das demais intervenções ocorreu a desenvoltura para com o ensino-aprendizagem dos alunos. Quando chegou-se à quarta e última intervenção, eu criei um apreço pelo trabalho com a etapa da Educação Infantil.

A quarta e última intervenção se deu para um total de 19 alunos, onde foram executados dois trabalhos, sendo o primeiro um exercício de ligar as iniciais do nome dos personagens e pintá-los, com o objetivo de reforçar as letras anteriormente estudadas, e o último a confecção de máscaras com o rosto dos personagens favoritos de cada um. Distribuimos as máscaras descoloridas e, em seguida, os orientamos para que eles as pintassem como quisessem, dando-lhes a liberdade de escolha quanto às cores que mais gostavam. Depois de pintadas as máscaras, nos deslocamos para o espaço de brincar, onde ficamos em uma roda e, inicialmente, contamos histórias dos personagens e, em seguida, propomos que eles contassem histórias, tanto do Sítio quanto outra que eles quisessem contar. Houve uma aluna que se dispôs a contar uma história da Narizinho, que ao longo do tempo acabou juntando diversas histórias. Realizar tal tarefa foi muito prazeroso, pois o aprendizado vem camuflado de brincadeira para os alunos, que sem saber estão, além de aprendendo, ensinando a nós o quanto podemos aprender com eles. O brincar é uma importante ferramenta no trabalho pedagógico, pois envolve descobertas, desenvolvimento e aprendizado, onde:

A promoção de atividades que favoreçam o envolvimento da criança em brincadeiras, principalmente aquelas que promovem a criação de situações imaginárias, tem nítida função pedagógica. A escola e, particularmente a pré-escola poderiam se utilizar deliberadamente desse tipo de situação para atuar no processo de desenvolvimento das crianças (OLIVEIRA, 1998, p.67).

A experiência do estágio supervisionado em Educação Infantil foi enriquecedora para a minha formação, tanto acadêmica como de futura profissional da educação. Ao final do estágio, a importância do convívio direto com o cotidiano escolar se mostrou necessária. Ter esse primeiro contato com a realidade da sala de aula e poder fazer a assimilação se, de fato, há o casamento entre teoria e prática no cotidiano da escola é de suma importância para vermos de pertos às várias facetas que a educação possui. Essa proximidade possibilita ao estagiário que agregue conhecimentos que, futuramente, lhes serão úteis para a sua própria prática.

Acredito que ao final, todos saem ganhando com a experiência do estágio, uma vez que o mesmo traz benefício tanto ao acadêmico quanto à instituição que o recebe, possibilitando o acompanhamento do desenvolvimento e aprendizado das crianças, por meio de atividades que contribuem para o aperfeiçoamento das habilidades cognitivas e motoras das crianças, além de contribuir para a formação de alunos graduandos em Pedagogia, no sentido de serem futuros profissionais competentes e cidadãos responsáveis.

Minha formação inicial me proporcionou bem mais que saberes teóricos. Ela reformulou as minhas percepções e, conseqüentemente, me fez crescer como pessoa e profissional, ao olhar para o aluno como um sujeito com as suas singularidades; como cidadã, ao me fazer questionar a contextualização da realidade em que o aluno está inserido; e criou, também, em mim, um desejo diferencial, que é o que devemos ser e fazer na vida dos alunos.

## CONCLUSÃO

Escrever um Memorial é uma prática que nos possibilita a reflexão de nossa mudança processual, das etapas vividas em um determinado tempo, apresentando uma autocrítica com a qual aprendemos algo. Neste Memorial refleti sobre o meu processo formativo desde a Educação Básica até a Universidade, apontando momentos que ficaram registrados. À medida que fui discorrendo sobre cada momento marcante, novas perspectivas iam surgindo conforme as analisava. O Memorial formativo tem, em suas características, a possibilidade de nos fazer ir e vir dentro de uma perspectiva não necessariamente linear, uma vez que a memória acionada registra apenas uma parte do que foi possível vivenciar

O Memorial de Formação é o registro dos fatos ocorridos com o seu protagonista, os quais o marcaram de alguma forma, podendo abranger vários períodos cronológicos e personagens que foram essenciais para o acontecimento evocado.

Na primeira seção, retomei as memórias do período referente ao Ensino Fundamental, com foco em temáticas como a aquisição do código escrito e a leitura, além das marcas deixadas por uma didática carregada de autoritarismo. Em relação à primeira temática citada, fiz uma reflexão acerca da diferença de métodos utilizados por duas professoras dessa fase, onde uma se valia de uma pedagogia carregada de métodos tradicionais, repetitivos, enquanto a outra usava uma metodologia baseada tanto na afetividade quanto em uma lógica que fizesse sentido para a criança, na medida em que esta aprendia. Pude ver que essa prática proporciona uma aprendizagem mais autônoma no aluno.

Inferi que o autoritarismo em sala de aula deixa marcas que acabam por prejudicar o discente, não só naquela etapa de ensino, mas que acabam por perdurar até o momento da aplicação de uma pedagogia capaz de rompê-las, através de uma boa relação professor-aluno, com a presença do respeito e do diálogo, uma vez que estes são ingredientes necessários para a existência da disciplina em sala de aula.

Na segunda seção discorri acerca da parte de minha história de formação no Ensino Médio. Destaquei alguns profissionais da Escola de Nível Médio Elizete Nunes, os quais tornaram essa fase bem menos complicada, para uma adolescente pressionada quanto à escolha da profissão a seguir, e que depois os iria ver com outros olhos. Nessa fase do meu processo de escolarização, falei sobre a postura adotada pela então gestora

da instituição de ensino, salientando a participação desta no cotidiano escolar e sobre o papel desempenhado por esta como mediadora, a fim de tornar a gestão democrática presente naquela escola. A referida me ressaltou a importância do trabalho conjunto, de tornar a escolar um ambiente mais democrático, contando com a participação de todos os envolvidos, a fim de proporcionar uma educação de mais qualidade.

Outras duas profissionais que marcaram essa etapa foram as professoras de História e Geografia, coincidentemente duas irmãs que amavam lecionar. Professora Rosilete, de História, a qual me ensinou a importância da presença da figura de um professor motivador, aquele docente que cria no aluno o real interesse em aprender, quando este instiga os mesmos e os motiva a querer aprender, sendo esse viés resultado de uma postura adotada que os desafie e os faça mais críticos e autônomos; e sua irmã, Professora Ivete, a qual tornou o ensino mais leve e instigante com as suas aulas-passeio, onde era possível presenciar de perto o que estudávamos em sala de aula, no instante em que a teoria dialogava diretamente com a prática e a aprendizagem se dava de uma maneira bem mais fluída e aprazível.

Na terceira e última seção refleti sobre um período não tão distante, o acadêmico, buscando fazer ligações com o passado como discente da Educação Básica. Retomei nas minhas memórias a mudança de olhar para com a educação, já através das disciplinas iniciais do curso, as quais me oportunizaram ter a consciência de que meus conhecimentos sobre a área da educação eram pífios, criando, assim, uma nova visão para o meu processo de ensino da Educação Básica. Uma vez que obtinha novos conhecimentos da área, surgiam, também, reflexões sobre temas em que me vi inserida, em determinados contextos; sobre como a alfabetização e o letramento são indissociáveis, além da aquisição do código e sua função social, uma vez que uma complementa a outra e enriquece o desenvolvimento do aluno.

Expressei, também, a importância dos Projetos de Pesquisa para o aprimoramento das aprendizagens além da sala de aula, no âmbito da Graduação, viabilizando ao aluno uma formação inicial mais qualitativa, a aquisição de novos conhecimentos, como o Ensino Médio Integrado e o PROEJA, e pude ver de perto o trabalho desenvolvido pelas coordenações de curso e pedagógica do Instituto Estadual de Educação do Pará. Relatei, ainda, acerca da elaboração de trabalhos científicos, como o artigo que escrevi em conjunto com outra bolsista, o qual ocasionou a exposição desta experiência em eventos dentro e fora do nosso Estado, tornando-se um marco importante na minha vida acadêmica.

Nesse momento do meu Memorial, retomei, ainda, as vivências que tive através da experiência dos estágios. Por meio da rotina escolar observada pude presenciar as práticas pedagógicas no processo de alfabetização de uma turma de Jardim I, onde ainda hoje perdura a realização de alguns métodos tradicionais, como a obrigatoriedade da escrita de um cabeçalho por crianças desse nível de ensino, os quais são até tachados de “preguiçosos” quando não o fazem. Mas também aprendi a importância de uma sala de aula ambientada para seu nível de ensino, com a presença de uma organização e de itens que contribuem para uma aprendizagem mais lúdica. Obtive, por meio dos estágios realizados, o meu primeiro contato com o direcionamento de uma aula. A minha experiência com o lecionar aulas só reforçou o meu desejo pela docência e fez com que, de fato, assimilasse a teoria com a prática, propiciando, assim, o uso da práxis.

Diante do que foi retomado e refletido ao longo deste Memorial, estudar, aprender, conhecer e viver os preceitos educativos que tangem os saberes da Pedagogia mudou completamente o que eu pensava conhecer sobre a arte de ensinar. Ser professor, mesmo diante das futuras dificuldades que virão junto com o exercício da profissão é o que escolhi ser e, ao longo do meu percurso educativo na academia, essa escolha foi simplesmente aflorando à medida que recebia mais conhecimentos teóricos, se fortalecendo ainda mais com as experiências vividas no âmbito dos estágios.

Trilhar esse caminho me proporcionou um olhar diferenciado para a questão educacional, e, sobretudo, ver o aluno sob outra ótica, de uma forma mais humana no processo de ensiná-lo, pois, como afirma Freire (1996, p. 146).

Isso significa a construção de uma característica reflexiva quanto à vida docente, formando professores capazes de ver sujeitos dentro de suas singularidades, eliminando, assim, o equívoco de esses alunos serem meros receptores de conhecimentos. Quando há o exercício da docência em conjunto com um sentimento de empatia, os dois lados saem ganhando.

A experiência formativa recebida no Ensino Superior foi capaz de refazer o meu olhar sobre o processo de escolarização, na medida em que me era proporcionado o aprofundamento dentro dos preceitos teóricos que circundam a trajetória do curso acadêmico.

O meu percurso formativo, aqui retomado em forma de memória, foi capaz de me fazer compreender elementos do meu processo de escolarização, os quais estavam guardados nas experiências vividas. Fazer a articulação entre as vivências retomadas pela memória, o processo de escolarização da Educação Básica e a análise teórica a

partir da formação superior foi capaz de lançar luzes sobre o que é o processo de ensinar e aprender, a atuação docente e os processos de letramento, fatores tão marcantes na minha trajetória.

Ao finalizar essas memórias, projeto para o futuro a busca de estar sempre me aperfeiçoando nessa arte que é ensinar e, para tanto, fazer uma Pós-Graduação. Como prática docente, pretendo levar comigo para a sala de aula um pouco de tudo o que aprendi com os meus estimados professores, tanto da Educação Básica, que me ensinaram com afeto; que o autoritarismo deixa marcas no processo de aprendizagem capazes de perdurarem e prejudicarem o desenvolvimento por anos; que a aprendizagem não ocorre somente na sala de aula, mas de maneira mais agradável com a realização das aulas-passeio; e que o professor também deve ser motivador em sua prática pedagógica. Pretendo enfatizar, também, as práticas aprendidas com os professores da Graduação, os quais me ensinaram a importância do desenvolvimento das competências do alunado, por meio de uma postura mediadora, onde a educação deve desenvolver um papel libertador na vida do aluno, de modo a torná-lo um sujeito cada vez mais autônomo, a fim de desenvolver a sua criticidade.

## REFERÊNCIAS.

BERGER, Miguel André. **O memorial e suas contribuições no processo de formação inicial do educador**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2002. Disponível em: <<http://www.infoteca.inf.br.>>. Acessado em: 06 ago. 2017.

BRASIL. **Decreto nº. 5.840**, de 13 de julho de 2006 que institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos-Proeja, e dá outras providências. Brasília, DF, 2000.

BONA JÚNIOR, Aurélio. **O ensino de Filosofia e o pensamento educacional de Antônio Gramsci**: algumas aproximações. 2008.

CONSEPE. **Resolução n. 4.102**, de 23 de fevereiro de 2011. 2011. Disponível em: <<http://faed.ufpa.br/arquivos/Acad%C3%AAmico2/PPCPedagogia-Resolucao.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

DERDYK, A.N. **Arte educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

DEWEY, J. **Vida e Educação**. São Paulo: Melhoramentos. 4ª. ed.1954.

DUARTE, Evandro Santos; OLIVEIRA, Neiva Afonso; KOGA, Ana Lúcia. **Escola unitária e formação omnilateral**: pensando a relação entre trabalho e educação. 2016. Disponível em: <[http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo12\\_EVANDRO-SANTOS-DUARTE-NEIVA-AFONSO-OLIVEIRA-ANA-L%ACIA-KOGA.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo12_EVANDRO-SANTOS-DUARTE-NEIVA-AFONSO-OLIVEIRA-ANA-L%ACIA-KOGA.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2017.

ERINI, Edla Yara Priess. **O Papel do Estágio Curricular Supervisionado na formação inicial de professores: o olhar crítico dos egressos e professores do curso de pedagogia**. Itajaí, Universidade do Vale do Itajaí, 2006. Disponível em: <[http://www6.univali.br/tede/tde\\_busca/arquivo.codArquivo](http://www6.univali.br/tede/tde_busca/arquivo.codArquivo)>. Acesso em 11.04.2018.

EVANGELISTA, OLINDA; MORAES, Maria Célia Marcondes de; PACHECO, José Augusto. Políticas educacionais nos anos 90: a formação de professores no Brasil e em Portugal. *Educar*, Curitiba, n.18, p. 185-199. 2001.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1989.

FITA, E. C. **O professor e a motivação dos alunos**. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 65-135.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim Tia Não**. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

FREITAS, Dayse Stefanie de Lima; SOUZA JUNIOR, Arlindo José de. **Importância do memorial de formação enquanto estratégia de formação profissional no projeto veredas**. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/viewFile/3460/13589>>.  
Acesso em: 05 maio 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos**: inquietações e buscas. Educ. n. 17. p. 153-176. Editora da UFPR. Curitiba, 2001.

MORAES, M.G. **Alfabetização – Leitura do Mundo, Leitura da Palavra – E Letramento**: algumas Aproximações, 2005.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, Gilcilene Lélia Souza do. **Memorial de formação: um dispositivo de pesquisa-ação-formação**. Natal, RN. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 2010.

NOVAIS E. L. **É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário?** Linguagem & Ensino, Vol. 7, No. 1, 2004 (15-51).

OLIVEIRA, M. K.O **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1998.

PERINI, Edla Yara Priess. **O Papel do Estágio Curricular Supervisionado na formação inicial de professores**: o olhar crítico dos egressos e professores do curso de pedagogia. Itajaí, Universidade do Vale do Itajaí, 2006. Disponível em: <[http://www6.univali.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=245](http://www6.univali.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=245)>, acesso em: 28 jun. 2017.

PRADO, Guilherme do Val e Soligo, Rosana. **Memorial de formação: quando as memórias narram a história de formação**. Mimeo – Unicamp, 2004.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano**. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976.

SANTOS, Héllen Thaís; Garms, Gilza Maria ZAUHY. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores**. Congresso nacional de formação de professores, 2.; congresso estadual paulista sobre formação de educadores, 12., 2011, Águas de Lindóia. Anais 2. Congresso Nacional de Professores 12. Congresso Estadual sobre Formação de Educadores. São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106. Disponível em: <[http://www.proceedings\\_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/364.pdf](http://www.proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/364.pdf)>. Acessado em 19 abril. 2017.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e educação**: fundamentos ontológicos e históricos. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2000. p. 245-246. Cap. 7.

SILVA, Daniele Nunes Henrique. SIRGADO, Angel Pino. TAVIRA, Larissa Vasques. **Memória, narrativa e identidade profissional:** analisando memoriais docentes. Cad. Cedes, Campinas, vol. 32, n. 88, p. 263-283, set.-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v32n88/a02v32n88.pdf>>. Acessado em: 16 jun. 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na Escola e na biblioteca:** 8. Ed. Campinas: Paripus, 2003.

SILVA, Francisca Guiomar Cruz da. **A Municipalização Do Ensino e a Descentralização Da Gestão:** A Experiência De Dois Municípios Paraenses. 2007. Disponível em: <[http://www.anpae.org.br/congressos\\_antigos/simposio2007/158.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/158.pdf)>. Acesso em: 03 ago. 2017.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, Poços de Caudas, p.1-17, 5 a 8 de outubro. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2017.